ANO 25.º — Número 1289 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 16 de Setembro de 1956

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro

Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381

VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

O ensino secundário

De ano para ano se nota um aumento de frequência nos nossos liceus. Isso representa simplesmente melhor nível cultural do país e um aumento constante da população.

E' de boa política facilitar o mais possível a frequência do ensino secundário. Se até aqui, nos últimos anos, pela pasta da Instrução se procurou, acertadamente, acabar com o analfabetismo em Portugal, tornando obrigatória a frequência da instrução primária, agora há necessidade de olhar abertamente para o ensino secundário.

E' o que se está a verificar com o actual Ministro da Educação Nacional que, por todos os meios possíveis, procura dar solução à falta de salas para tão grande frequência.

A cultura dum povo mede-se positivamente pelo seu grau de instrução. Não é portanto fechando escolas, criando dificuldades nos estudos, quer secundários, quer superiores, que vamos melhorar o nosso ambiente social.

Antes pelo contrário, urge educar e instruir a nossa mocidade o melhor possível, dentro das aptidões de cada um.

Há no entanto zonas do País onde a afluência aos estudos secundários não corresponde ao acréscimo populacional da região.

Guimarães, creio bem, é um desses casos. Concelho de cerca de cem mil habitantes, a sua população escolar secundária não corresponde ao de outros com idêntica população, ou até inferior, como acontece em Braga. As estatísticas revelam este ano em Guimarães cerca de 500 alunos matriculados no liceu e 600 na escola técnica, enquanto que em Braga quase 1100 no liceu e 1200 na escola técnica.

Quere dizer, apesar de Guimarães ter maior população que Braga, as suas matrículas no ensino secundário andam por metade das da capital do Minho.

Como se explica esta diferença?

Bem sabemos que para já o liceu de Guimarães só tem o 1.º e 2.º ciclos, enquanto que o de Braga, com os 3 ciclos, tem um acréscimo populacional de cerca de 200 alunos. Esse acréscimo deve-se aos concelhos vizinhos, mormente ao de Guimarães, com manifesto prejuízo para os pais dos alunos que se vêm forçados a grandes dispêndios ou obrigam os seus filhos a desistir dos estudos.

Felizmente o caso de Guimarães há-de-se solucionar em breve com um novo liceu de 25 salas, comportando assim, mil alunos.

Os vimaranenses aguardam com ansiedade essa obra projectada, que muito vem beneficiar a cidade e as regiões limítrofes.

Como estavamos dizendo, a falta do 3.º ciclo é certamente a causa da diminuta frequência do nosso liceu, comparada com os liceus das cidades vizinhas.

O que não sabemos explicar é a diminuta frequência da escola técnica, quando Guimarães é de facto um grande centro industrial e até comercial.

Além disso, as escolas técnicas de hoje, além de preparar eficientemente os seus alunos, dão grandes vantagens aos mesmos com os cursos nocturnos, a equivalência ao 5.º ano do liceu e a entrada em cursos técnicos superiores.

Guimarães tem já em construção uma escola técnica modelar que comportará mil alunos. Não é de mais para um concelho essencialmente industrial, onde predomina a indústria têxtil, a par de outras, como os cortumes, as cutelarias, os pentes e artigos plásticos, a serralharia, a ourivesaria, etc..

Ora a falta de operários e mecânicos, verdadeiramente preparados em escolas técnicas, contribui em grande parte para a crise que hoje atravessa a indústria, mui particularmente a têxtil.

Os nossos operários adaptam-se bem ao trabalho que lhe é ensinado pràticamente nas fábricas, trabalham com perfeição, mas enfermam de muitos defeitos que o ensino técnico bem ministrado lhes corrigiria.

Boas escolas técnicas, com professores bem preparados, e ao par das últimas novidades do estrangeiro é o que necessitam as zonas industriais como a nossa.

Depois é preciso incutir no nosso operário a formação técnica de seus filhos e é preciso que os patrões por sua vez saibam dar valor a um diploma de aptidões, que constitui forçosamente uma garantia no trabalho. A todo o operário portador dum diploma pode-se-lhe exigir responsabilidades que não brigam certamente com o seu brio moral e profissional.

Educação, instrução e adaptação técnica, é o que precisa o nosso povo. E não é só com a polícia que conseguimos calar as más línguas, fazer desaparecer o «calão» e as obscenidades que se ouvem em qualquer canto da rua, pronunciadas com um à-vontade que nos envergonham.

Isso só se conseguirá educando e instruindo, com o que conseguiremos também elevar o nível social do nosso povo.

J. SOARES LEITE.

O Dr. Joaquim Manso, que há dias faleceu em Lisboa, com 77 anos de idade, foi um dos mais brilhantes Jornalistas dos últimos tempos, tendo dirigido com superior elevação, durante 35 anos, o nosso colega «Diário de Lisboa», em cujas páginas deixa bem vincada uma obra notável sob muitos aspectos.

Escritor e jornalista eminente, conferencista distinto, crítico aprumado e formoso espírito tolerante, o Dr. Joaquim Manso, cuja morte enlutou o Jornalismo, marcou um lugar de inconfundível relevo e soube ser um Homem em toda a acepção da palavra.

Por isso nos associamos à merecida homenagem que acaba de ser prestada à sua memória, por toda a Imprensa portuguesa que sentiu o seu desaparecimento e soube fazer merecida justiça a tão alta personalidade desaparecida do campo das Letras, em que foi Mestre.

A morte de SANTOS GRAÇA

A Póvoa de Varzim perdeu há dias um dos seus filhos mais prestimosos, que devotadamente serviu os seus interesses, defendendo as suas aspirações e que pugnou, durante uma vida inteira, pelo progresso da linda Praia nortenha.

António Santos Graça, etnógrafo distinto, publicista vigoroso, antigo parlamentar e democrata fervoroso, foi, acima de tudo, o grande homem da Póvoa, que muito amou e que dedicadamente serviu até à hora da sua morte.

Figura prestigiosa entre as demais, Santos Graça deixa, com a sua morte inesperada e sentida, uma falta difícil de preencher.

Acompanhamos no desgosto porque acabam de passar, a família do ilustre morto e o nosso prezado colega «Comércio da Póvoa», que fundou e de que foi director durante largos anos.

NADA...

Eu fui o sonhador das Velhas Eras,
Aquele que fundia em Primaveras
Os dias de borrasca, tremebundos...
Eu fui o sonhador de Antigos Mundos
Que as noites mais escuras, tenebrosas,
Salpicava de Estrelas Luminosas...
Eu fui o sonhador que os miseráveis,
Aqueles criminosos formidáveis,
Eu transformava em Homens mais que humanos...
Eu fui o sonhador que os ruins tiranos
Eu amansava em Pombas e Cordeiros...
Eu fui o sonhador que os bandoleiros
Os fazia, p'ra sempre, Homens Honrados...
Eu fui o sonhador que os desgraçados,
Os famintos, os nus, os sem abrigo,
A dentro do meu lar iam comigo,
E a todos eu vestia e dava pão...
Eu fui o sonhador de Coração
Aberto p'rà desgraça, o pranto, a dor...
Fui tudo... e ainda mais que sonhador:
Minha alma foi Luar, foi Alvorada!...

Que sonhador eu fui!... E não sou nada...

Setembro de 1956.

DELFIM DE GUIMARAES.

Jorge Ramos
CONDECORADO
pelo Governo do Brasil

Com a assistência de numerosos escritores, jornalistas, Secretário da Embaixada, Consul e Vice-Consul do Brasil e amigos íntimos do agraciado, realizou-se no Palácio da Embaixada do Brasil a entrega da condecoração do Cruzeiro do Sul ao jornalisia Jorge Ramos, que foi colaborador do nosso jornal.

Procedeu à entrega desta alta condecoração o sr. Ministro Câmara Canto que revelou os serviços prestados ao Brasil pelo condecorado.

GAZETILHA

Dia da Peregrinação!

(Relembrando o Passado)

Entre votos, preces, hinos,
entre cânticos divinos,
ia a Peregrinação...

E em seus rogos cristalinos,
levavam os peregrinos
tributos de devoção...

E àquela romagem de almas
os roseirais davam palmas,
seu coração desfolhando:
as corolas se entreabriam
e os bem-me-queres sorriam,
na jornada comungando...

Curvavam-se as loiras tranças,
tão cheiinhas de esperanças,
dos benignos milharais...

E até as pombinhas mansas,
em suas castas lembranças,
desertavam dos pombais...

Com a alma sorrindo em flor,
na santa paz do Senhor
que a nós em crença mantenha:
em Setembro eu lá trepava,
e o meu coração orava
no risonho altar da Penha!...

Suave era o meu caminho,
pelo monte, de mansinho,
em Fé presa a minha vida...

Do Céu ficava pertinho
p'ra receber o carinho,
as bênçãos da Mãe querida!...

.....

Sorvidos os merendeiros,
os fervorosos romeiros
regressavam a seus lares:
na alma sempre a mesma crença,
mas cada qual p'ra si pensa
e... outros eram os «cantares»...

Ortigão.

Paço dos Duques

A empreitada da conclusão das obras de restauro do Paço dos Duques de Bragança custará 2.939 contos.

Foi imponente
a Peregrinação Anual à Penha

Na forma tradicional e como havia sido anunciado realizou-se no passado domingo a Grande Peregrinação anual ao Santuário da Penha, que constituiu, não obstante o mau tempo que nesse dia se fez sentir, uma nova e eloquente afirmação dos sentimentos religiosos do nosso povo.

De todo o concelho vieram, em larga representação, as associações católicas das diferentes freguesias e vieram igualmente, de concelhos limitrofes, inúmeros peregrinos.

O imponente préstito foi presidido por dois venerandos prelados, os Rev.mos Senhores D. Domingos da Silva Gonçalves, nosso ilustre conterrâneo e actual Bispo da Guarda e D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo Auxiliar de Aveiro.

O grande préstito saíu, como de costume, do Largo da República do Brasil, cerca das 9 horas, onde se reuniram peregrinos de todo o concelho, muitos dos quais saíram de suas casas alta madrugada. Da fontraria do templo dos Santos Passos, o sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo Auxiliar de Aveiro, lançou a bênção à multidão, pondo-se em seguida a caminho, demandando a montanha, a Peregrinação, que atravessou a cidade por entre alas compactas de pessoas. A abrir o cortejo, a que este ano faltou grande número de escuteiros, via-se o estandarte da classe dos operários surradores e curtidores, que ostenta orgulhosamente a legenda: «Trabalho e Honra», a que se seguiram as bandeiras dos Sindicatos Nacionais e inúmeras outras das associações religiosas, acompanhadas dos respectivos párocos e de grande multidão de crentes, entoando cânticos e ciciando preces. Inúmeras pessoas eram portadoras de promessas para a Virgem.

A presidir ao cortejo e no final deste viam-se os srs. D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo da Guarda, e D. Domingos da Apresentação Fernandes, Bispo Auxiliar de Aveiro, seguidos do rev. Arcipreste António de Araújo Costa e dos srs. dr. José Maria de Castro Ferreira, presidente da Câmara Municipal; deputado, capitão José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto; António Emílio da Costa Ribeiro, presidente do Grémio do Comércio; João Maria Rodrigues Martins da Costa (Aldão), Belmiro Mendes de Oliveira e Joaquim Fernandes Marques, membros da Mesa da Irmandade da Penha; tenente Moreira dos Santos, comandante do Batalhão 13 da L. P., e 1.º sub-chefe Bastos, da P. S. P., etc..

No lugar de Belos-Ares, Mesão-Frio, a Peregrinação foi aumentada por muitas associações religiosas das freguesias dos concelhos de Fafe e Felgueiras. Logo que a Peregrinação chegou ao alto da montanha, muitas centenas de peregrinos comungaram no Santuário. Seguidamente o sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes proferiu uma brilhante alocução. Depois foi celebrada missa campal, durante a qual o sr. D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo da Guarda, dirigiu a palavra aos peregrinos, afirmando que há 30 anos consecutivos que assiste à Peregrinação à Penha, nunca, como naquele dia, presenciara tão grande sacrifício por parte do bom povo que tomara parte nessa manifestação de amor à Virgem Mãe de Deus.

Continua na 2.ª página.

Vida Rotária

Presidida pelo sr. Antonino Dias Pinto de Castro, a reunião de 4.ª-feira do Rotary Clube de Guimarães teve a assistência de rotários de Braga e do distinto jornalista sr. Aníbal de Mendonça.

O Vice-Presidente, ao iniciar-se a sessão, saudou os companheiros e convidados presentes e explicou o motivo da ausência do Presidente sr. Albano Coelho de Lima. Depois fez uma breve comunicação acerca de uma reunião rotária realizada em Lourenço Marques, à qual assistiu o past-Presidente do Clube vimaranense sr. Leandro Martins, que procura, em terras de Africa, difundir o ideal rotário. Falou ainda da reunião que vai realizar-se na Estância Termal do Gerez, por iniciativa do clube de Braga e pediu a comparência do maior número de companheiros.

O expediente foi lido, após breves considerações sobre rotarismo, pelo secretário sr. eng.º Helder Rocha que, depois, leu uma interessante passagem do último número do Boletim de Matosinhos. O sr. José Machado Teixeira referiu-se ao aparecimento do Boletim do Clube e, seguidamente, referiu-se a um artigo do jornalista sr. Aníbal Mendonça, a propósito da emissão da Medalha do dr. Manuel Monteiro, lendo uma sua passagem que o Boletim de Coimbra transcrevera. O sr. António Gonzalez saudou os presentes em nome do Clube de Braga, a que preside, e referiu-se ao passeio ao Gerez. O sr. José Ribeiro, do mesmo Clube, apresentou uma actualidade, tendo falado ainda os srs. António de Sousa Lima, dr. Alvaro Marinho e Armando Martins Ribeiro da Silva.

O Presidente propôs o envio de um telegrama ao «Diário de Lisboa», a propósito do falecimento da notável figura do seu Director, o eminente jornalista dr. Joaquim Manso e, depois de breves considerações, marcou a próxima reunião para o dia 19, às 19 horas, e encerrou a sessão.

Procedeu-se à quete habitual que rendeu 104$00.

DEPOIS DO BAPTIZADO...

Tropecei na leitura deste título: — *Grupo Folclórico, Regional e Recreativo do Pevidém.*

Uf! E' bombástico!

Sem querer desgostar o «padrinho» deste grupo, não resisto à tentação de desaprovar-lhe o título.

Os vocábulos «folclórico» e «recreativo», não assentam bem.

O «folclórico» pode dispensar-se da muleta do «recreativo».

Mas não se fica por aqui a pesporrência do título. Também se encabeça com o «regional». Na verdade faz parte da região minhota. Interpreta a região do seu folclore. Acho, todavia, que melhor lhe ficava evocar o lugar onde tem a sua influência. Deixasse o «regional» para qualquer outro grupo de mais ampla projecção na Província.

Compreendo que isto de dar nome às coisas, não é tarefa tão fácil como à primeira vista se afigura.

Conto-lhes este caso:

A certo escritor perguntavam, um dia, se o trabalho de um seu novo livro já ia adiantado. Ele respondeu: «Já tenho o título». Como quem dizia: custou-me a encontrá-lo!

Na verdade um título precisa de ser meditado, antes de usar-se.

Em boa compreensão, quem «baptiza» um grupo, deve assentar nisto: Simplicidade. Clareza.

Títulos grandes, não caem bem no ouvido, Quando vão além de duas, três palavras, abreviam-se no uso do povo.

O grupo do Pevidém, é obra do povo. E' criação popular. Devia usar um chamadoiro correspondente à sua condição humilde.

Outra preocupação devia ocupar o espírito do seu «padrinho», que era esta: dar ao grupo um nome que fosse medularmente português.

«Folclore» aportuguesou-se, é verdade. Anda no trato de toda a gente. Contudo, cheira a estrangeirice.

Para qne ir pedir ao vocabulário dos outros, o que temos em nossa casa?

Bem sei que está na moda dar nomes *difíceis* às coisas. Se nos lembrarmos, porém, a notável influência que tomaram em nosso tempo as manifestações folclóricas, logo nos ressalta a sua finalidade *nacionalista*. Esta circunstância, já por si, recomenda que se adopte o maior portuguesismo quanto à taboleta dos títulos das organizações folclóricas.

Foi «baptizado» o grupo do Pevidém. Já tem um nome. Anda nos jornais. Talvez até figure em bandeira. Fiquem com ele. Lá se avenham. O que não me dispenso é de lhes dizer isto:

E' erro o título que adoptaram. Aquele que lhes calhava, à maravilha, era este:

— Festada do Pevidém.

Mais nada. Embora digam, à maneira popular: Depois do filho baptizado, não faltam padrinhos.

Adiante, pois, com este prurido de reparo.

Vi, com agrado, a maneira inteligente e prática como o grupo do Pevidém actua no seu meio. Havendo tomado de aluguer uma sala, nela se reunem os componentes do grupo, ensaiando-se. Associando-se.

Visando o seu aperfeiçoamento e desenvolvimento, tem na sua sede «escola» de aprendizado.

Esta «escola» de ensino prático, não só aperfeiçoa, como radica entre o povo uma tradição artística, de finalidade social. Porque tem finalidade social, cumpre aos industriais da freguesia de S. Jorge do Pevidém auxiliarem este útil empreendimento.

Há ali um homem de condição obreira, a quem se está devendo a existência do *Grupo Folclórico, Regional e Recreativo do Pevidém.*

Todos os seus esforços, sem remuneração, precisam de ter a ajuda dos naturais.

Pensem os senhores industriais, os senhores proprietários, todos quantos fruem o benefício de uma posição social acima da craveira vulgar — que é seu dever não voltar as costas à iniciativa do grupo de S. Jorge do Pevidém.

Rodear as iniciativas populares, como esta, oferecendo-lhes simpatia, aplauso, ajuda, é contribuir de certo modo para a fixação do povo ao seu meio.

Mais: formam laços unitivos, necessários à concórdia entre todos.

Venho de longe preconizando o folclorismo. Propugno, quanto posso, pelo seu desenvolvimento entre nós, onde ele conta materiais apreciáveis.

Se o faço, não é porque eu haja um especial conhecimento desta matéria. A etnografia, a coreografia, a música, o cancioneiro, formam um lastro artístico, de alcance educativo.

Se piso e repiso na matéria, é porque me convenci da sua finalidade altruística.

Façamos, por isso, que as principais freguesias do concelho tenham a sua *Festada.*

Há na sede do conceiho uma instituição destinada à cultura e recreio popular.

E' a esta instituição que se impõe o encargo de trabalhar, junto das *Casas do Povo*, ou outros núcleos locais, porque se faça «escola» de aprendizado da *Festada.* Obste-se, quanto possa, por que se não degenere. Importa, além disso, entrajá-la com rigor.

Hei-de contar aqui, noutra oportunidade, o espectáculo que observei em Portuzelo (Viana), onde se exibiu, com grande êxito, a *Festada de Guimarães.*

E a organização do Pevidém, não valerá menos — se quiser.

Ajudemo-la!

A. L. DE CARVALHO.

Na agonia e morte do Burguês

14) Por EDUARDO D'ALMEIDA

(Cont. do n.º 1268, de 22 de Abril)

Subjacentes à superfície não será bem o dizer exacto: as exteriorizações mais impressivas ao olhar superficial dissimulam ou desviam a atenção do íntimo significado substantivo da modificação social determinante. Assim, em França, na guerra dos antigos e modernos que liga, e separa, os séculos XVII e XVIII, em cujo princípio os escritores sacrificavam o pensamento ao estilo, o coração ao espírito, e o adorno ataviado e brilhante à clareza corrente e singela. «Pode notar-se, de 1675 a 1725. uma revolta séria, inquietante para os espíritos afeitos ao bem escrever e falar e às sãs doutrinas». (*Arsène Houssaye* — «Galerie du XVIII Siécle — Les Hommes d'Esprit». Assim, entre nós, com a *Questão Coimbrã*, ou do *Bom-senso e bom gosto*, entre *Castilho*, como paladino espectral de uma geração extinta e *Antero de Quental*, ao publicar as *Odes Modernas*, arauto, Poeta e Filósofo, da geração nova, com *Teófilo Braga* e *Oliveira Martins*. «Os primeiros decénios do século passado assinalaram uma transformação da sociedade portuguesa, tão profunda e radical que só tem paradigma na convulsão que levou ao trono a dinastia de Aviz. O primeiro rebate soltaram-no os campanários das nossas cidades e aldeias em 1808, o ano viril da resistência popular contra a invasão francesa.» Depois, a «tremenda surpresa de 1820, entre esperanças e rancores, com sangue e lágrimas, mas onde se erguem com perfil severo e augusto as imagens esculturais da Lealdade, do Sacrifício, da Coragem, do Patriotismo». Estabelecido, após horrorosas lutas sangrentas, que assolaram muitos lares, como um pacto de armistício, é «no abalo produzido pela "questão coimbrã" que se encontra a nascente do surto novo da nossa cultura na segunda metade do século XIX». (*Joaquim de Carvalho* — «Estudos sobre a Cultura Portuguesa do século XIX»). Embora *Camilo*, por causa dos laços de amizade que o prendiam a *Castilho*, andasse um pouco envolto na escaramuça literária, o facto não basta a explicar como e porque ficou sendo (afinal, na realidade mera figura secundária e episódica dela) uma das maiores vítimas. Na falsa e deturpada apreciação crítica da sua obra romântica, ervada e maldosamente, em já gasto ramerrão, posta sempre em depreciativo confronto com a produção eciana. São, inegável, dois estilos, como são dois artistas, pois feirr a qualidade de artista de *Camilo* é a infâmia viloa de lhe não querer avaliar o génio, tão perdurantes e contemporâneos ontem como hoje: hoje em dia em que seria da mesma alvoraçante actualidade um romance como a *Maria da Fonte*. Até mesmo, ou não?, o vir a lume, com leves alterações, uma sátira política como a *Queda de um Anjo*...

Viveram, psicològicamente observados, os burgueses camilianos nas casas e passearam ruas portuenses daqueles tempos. Em *Eça de Queiroz*, «o artista refinado da expressão perfeita e da emoção subtil, que deixa na alma uma vibração duradoura e prometedora de serenidade e compreensão», o *Eça* do *José Matias* e do *Suave Milagre* (*Fidelino de Figueiredo* — «...um pobre homem da Póvoa de Varzim...»), o autor dessas piedosas, tão doces e nostálgicas páginas de *Um dia de invérno*, se reproduz com fidelidade o viver doméstico de certa burguesia, já adoentada de se sentir burguesa e caricaturiza irònicamente certas personagens comuns, deixa-se consumir pelo pessimismo (*Alvaro da Costa Pinhão* — «Gente Grada»), como *Camilo* se deixara arrepanhar pelo sarcasmo.

(Continua).

SE

Se todas as coisas se juntassem
com o fim apenas de o fazer.
Se os caminhos do sonho
fossem só realidade.
Se o tumulto do mundo
apaziguasse o meu desejo.
Se a alma que me veste
desnudasse o meu corpo.
Se em qualquer altura, a ânsia
d'uma ambição me alimentasse.
Se a sede de amor me debruçasse
n'um poço sem fundo.
Se tudo, enfim, desse só esperança
todo o meu sonho sê-lo-ia acordado
e tudo o que em mim é, renasceria.

CORREIA DA COSTA.

NO MEU CANTINHO

Domingo, 2 de Setembro.

E' ditado velhinho e muito certo:

Não há formosa sem senão.

A formosa Revista «Gil Vicente», pela redacção, pela impressão e até pela revisão, honra Guimarães. Mas... no recente fascículo, páginas 123 e seguintes, apresenta uma pancada de senões no género de *quererse, vencerse, fugirvos*. Fazem dó estas misérias.

* * *

Na 2.ª quinzena de Agosto, entretive-me com o afamado «Almanaque de Santo António».

Deu-me vontade de lhe chamar o *Rei dos Almanaques*.

GERESINO.

Comissão Venatória Concelhia de Guimarães

Esta Comissão Venatória Concelhia de Guimarães, leva ao conhecimento dos interessados que a partir de 1 de Outubro p. f. qualquer individuo a caçar com baixa médica, e que esta Comissão Venatória reconheça a sua conduta cinegetica duvidosa ou transgressiva, imediatamente comunicará para a Caixa de Previdência ou para a respectiva Companhia de Seguros.

Mais lembra esta Comissão que em face de as entidades respectivas terem trez dias para entregarem as licenças, isto ao abrigo do artigo 38 do Decreto n.º 23.461 de 17 de Janeiro de 1934, todo o caçador que tardiamente for tirar suas licenças e seja encontrado a caçar sem as mesmas embora as tenha a tirar, será imediatamente autuado.

Foram autoados vários individuos pos andarem a caçar com auxílio de farois.

Assinai o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Varanda de Pilatos

Chove incessantemente.

Até as almas se liquefazem e perdem o aprumo, por falta, certamente, dos potencialismos das energias solares.

Uns dizem que são as manchas do Sol, que andam a manchar a paisagem dos seres e das almas, a não deixar crescer a espiga e a pôr-nos na ameaça de fazer zurrapa com as uvas apodrecidas pela chuva, outros que são influências dos tiros nucleares, a esfrangalhar as constituições climáticas e a obrigar os professores da geografia a desconfiar prudentemente da teoria das zonas e outros, os mais sisudos, olham para o céu, quando nele se deixa ver «a estrela vermelha», suspeitosos da proximidade de Marte e dos revérberos rubros, — não vá vir por aí o diabo, de braço dado com o sr. Nasser!

Do que não há dúvida é dos sintomas da liquefação das almas, com o competente amolecimento dos caracteres e das vontades.

Até aqui, ua Varanda de Pilatos, se sente o encharcamento, tanto mais que, aberta aos ventos, a ela chegam muitas folhas mortas, ensopadas dos maus chuveiros, — folhas soltas das árvores e dos jornais.

Se se sai dela para as marchas da vida, ao defender os passos das viscosidades da lama, nem se podem levantar os olhos ao céu,

E' de recear a permanência dos olhos baixos, em visão de porco, do pobre bicho, coitado, que por causa das orelhas pouco mais vê que um palmo adiante do nariz.

Vamos andando, embora mudos e murchos, para não entorpecer, caminhando sempre, um tanto aborrecidos por enfileirar nas marchas do silêncio, já que se não deve falar muito e é de bom juízo calar e ouvir.

Para amenizar, apareceu há dias aqui na Varanda, um judeu, a contar uma história.

Não lhe dou grande confiança, porque o sujeito é maldoso, creio que foi um dos que pediu que se soltasse o Barrabaz, quando se tratava de conhecer a Verdade e a mentira.

Parece-me, contudo, que o israelita é versado em literatura nacional, porque me lembro de idêntica história contada por um dos grandes das letras portuguesas, creio que Malheiro Dias, aquele nome prestigiosíssimo de Guimarães, um nome que é nosso, de que ninguém se tem lembrado.

Vamos a ela:

— Vivia em palácio um cão de luxo, habituado às alcatifas e enceramentos lustrosos, às maravilhas decorativas dos quadros, do» painéis e das tapeçarias, um cão que sabia olhar para os armários da Renascença e para os contadores hispano-árabes, para as louças da China e do Japão, para os cristais da Boémia, de Veneza e Baccarat, em suma, para o objecto raro da escultura ou da pintura, do gosto ou da inspiração, com o faro entendedor e fino, quase de director de museu.

Era um cão de estirpe, felpudo e sedoso, brilhante, nédio, bem tratado, compartilhando os perfumes femininos familiares e com uns olhos em que boiavam luxúrias, recordações de intimidades, que não se lhe escondiam, nem ele as compreendia bem, confiadas que tinham sido à sua alma de bicho sem pecado.

Era um requintado dos bens do luxo e da fortuna, cão sábio, meio filósofo, bem amado dos homens e das mulheres, digamos, um Petrónio da sua espécie, muito sabido e felizão.

Pois um dia em que os donos sairam, foi dar um passeio pela quinta palaciana e ao fundo, na mata frondosa, encontrou um porco deliciado na apanha da bolota, sob a copa viçosa de um carvalho secular.

Como às vezes convêm que os mais ou menos brutos desatem a falar, meteram-se os dois, cão e porco, à conversa e tais coisas, o primeiro dise ao rotundo cevado, maravilhas do palácio e sua vida, que não teve o cão outro remédio senão levá-lo a ver o bonito.

Mandou-lhe limpar as patas e roncar pouco e começou a aventura do pobre reco, através das riquíssimas salas, luzentes de preciosidades.

Não foi longe a aventura.

Olhar para o alto, para as incontáveis belezas nas paredes e tectos, com olhos que fossem capazes de enriquecer a própria alma, não era coisa a que se obrigasse um porco.

Também não era coisa que se fizesse obrigá-lo a caminhar no chão lustrado, como um espelho.

Só via porcos, em reprodução da própria imagem.

A cada passo se estatelava e se via aflito no esforço imenso de se pôr de pé.

Foi um tormento a aventura em palácio.

Na sua imaginativa, ao ouvir falar de tais maravilhas, sonhara um refociladoiro fantástico, um chafurdo colossal, de que sempre se lembrasse a sua alma.

Qual história!

Viu-se o cão em apuros para tirar o parceiro de lá para fora, estendido ao comprido, sem apoio nas patas e roncando de desespero.

Decididamente aquilo não era para ele!

A maravilha, afinal, era uma mistificação!...

Fôra ludibriado pelo cão!

— Olhar curto, chafurdo e bolota é como Deus contenta alguns exemplares da sua criação.

Lhes basta!

*

E nestes dias de chuva pegajosa e má, a liquefazer as almas, ests história do sórdido judeu, vinda a propósito de nada, parece que ainda faz avivar mais o chiqueiro dos pisponentes cevados, vaidosos das carnes roliças, adquiridas na fartura da bolota.

E peneirentos de vaidades suinas, como não há outros!

Não se convidem a passear no palácio doirado, em que um sonho de amor e de humanidade guardou tesoiros, que exigem alma apta a receber beleza e a transmiti-la em graça.

Não se pode ser poeta, nem com a beleza que os homens fizeram e fixaram em documentos da sua mão, nem muito menos ou muito mais com a outra beleza, a das almas simples e recolhidas, que gostam de a sentir na humildade e na isenta admiração do que é realmente motivo de orgulho e de magnanimidade,

Não há coragem para a poesia, ao grunhir anunciado dos recos deste mundo!

— Nos olhinhos piscos e marotos do judeu que contou a história, aninhado a um canto da Varanda de Pilatos, acocorado e encolhido do frio deste inverno extemporâneo, sentia-se o lume de quem gostava que ele ardesse mais alto.

Via-se que o judeu perverso e escarninho tinha vontada de que lhe perguntassem como se aplicava o conto.

Não caí nessa, está claro:

1.º — porque em Guimarães não há verdadeiros cães, nem verdadeiros porcos, nem verdadeiros poetas.

2.º — porque nos palácios que há nem um gato lá entra sem licença.

3.º — porque a bolota, com a chuva que vai e que não deixa amadurecer a espiga, pode ser precisa à colectividade e não vale estar a torná-la exclusiva dos que a comem, porque lhe não dão outra coisa.

*

Chove desalmadamente.

Liquefeitas as almas, não fica nada que preste!

10-9-56.

J. M. PINTO DE ALMEIDA.

Peregrinação à Penha

Continuação da 1.ª página

Mas tratava-se de uma Peregrinação de penitência e, como tal, Nossa Senhora a todos abençoaria.

Fervorosamente implorou à Virgem da Penha que salve o pão dos nossos campos, mandando-nos o Sol bendito e criador. Finda a missa, foi dada a bênção do Santíssimo, terminando a grande manifestação com uma vibrante apoteose a Nossa Senhora. Apesar do grande movimento de caminhetas e automóveis não se registaram desastres. O serviço de policiamento e trânsito na cidade, foi feito pela P. S. P., e na montanha, pela G. N. R.

Defesa Civil do Território

No Quartel dos Bombeiros Voluntários realizou-se a prestação de provas dos alunos que frequentaram o 19.º curso básico da D. C. T., no corrente ano e que foi dirigido pelo instrutor geral sr. Virgilio Andrade Leite da Cunha Júnior.

No final das provas, usou da palavra, em representação do Comandante Distrital sr. coronel Graciliano Marques o oficial Adjunto para a Defesa Civil sr. Capitão Rui Vasques de Mendonça que, além de felicitar os instruendos pelos bons resultados obtidos na frequência do curso que agora terminava, os exortou a aumentarem os seus conhecimentos e a divulgarem as vantagem que, de uma boa preparação da Defesa Civil, podem advir em benefício da população, que o mesmo é dizer, da própria Nação. Ao terminar o seu breve discurso, aquele distinto oficial foi cumprimentado pelos novos elementos da D. C. T. que se encontravam presentes.

Na séde do Batalhão n.º 13 da Legião Portuguesa, nesta cidade, encoctra-se aberta a inscrição para os primeiros cursos das especialidades de «Vigilância» e "Primeiros Socorros" este último ministrado por um distinto clinico da C. C. T. já especializado e ambos os cursos se destinam a pessoas já habilitadas com o Curso Básico.

Carta a uma Senhora

Minha Senhora:

Acabo de ler nos jornais a constituição de uma Comissão encarregada de promover uma acção assistencial em prol, principalmente, das Misericórdias do concelho, que são, de facto, as que vivem em piores condições financeiras, o que não quer significar que sejam excluídas outras Instituições de Caridade perante esse movimento de verdadeira solidariedade humana.

Entendeu o ilustre Presidente da Câmara Municipal — e muitíssimo bem — que essa Obra de Misericórdia fosse designada por «**Teia de Deus**», visto tratar-se de um concelho onde predomina, em larga escala, a indústria têxtil, circunstância que, sem dúvida, justifica aquela designação.

De resto, a «Teia de Deus» não exclue outros donativos de qualquer natureza, razão por que todos os vimaranenses, em condições de o fazerem, deverão associar-se a essa iniciativa de tão manifesto alcance social, tanto mais que esta nova modalidade de auxílio à assistência concelhia, criada por uma oportuna e significativa inspiração de Sua Ex.ª o Senhor Ministro do Interior, surgiu, suponho eu, para substituir os Cortejos de Oferendas que em algumas terras — e em Guimarães já se verificou esse facto — não correspondiam ao fim que se pretendia atingir.

Portanto, quer se trate da «Teia de Deus» ou da «Geira ou Seara de Deus» os resultados deverão tornar-se mais compensadores, sobretudo porque será exercida, mais directa e eficazmente, a devoção de socorrer as Casas de Caridade onde são recebidos e socorridos muitos dos nossos semelhantes a quem a doença, a velhice, a orfandade, etc., transformaram em vítimas da adversidade e, por isso, só poderão encontrar na felicidade alheia um pouco de conforto e de alegria para suavisarem o seu infortúnio.

A este respeito, vem a propósito transcrever para aqui os seguintes versos de Luís Octávio, que eu acabo de ler no Almanaque de Santo António, para o próximo ano de 1957:

«— SÓ ASSIM... —

Do meu leito de dor, vejo à noite es-
[trelada
reflectida no vidro escuro da janela...
— Quanta gente que vive aí, ao léu,
[perdida,
só vê que alguma vez também a vida
[é bela,
por que sente a Ventura em outros
[reflectida,
como a luz do luar num vidro da jane-
[la!...»

Oxalá, pois, que a «Teia de Deus» consiga tornar bela a vida daqueles que sentem a Ventura em outros reflectida e que, assim, toda a gente boa de Guimarães saiba corresponder ao imperativo dessa Cruzada que se vai iniciar através de todo o concelho e que terá como seu guia o estimado e dinâmico Presidente do Município, a quem os vimaranenses já muito devem em outros sectores da vida da sua terra, cujo horizonte de prosperidade se vai alargando no espaço das realizações.

Como V. Ex.ª vê, minha Senhora, o povo de Guimarães vai ter mais uma oportunidade para manifestar os seus sentimentos de generosidade, repartindo com os infelizes um poucochinho das suas sobras, como a «*Relíquia de Sãozinha*» reparte com os tristes e desconsolados as graças da sua Santidade.

Setembro de 1956. De V. Ex.ª
cd.º ven.or e obg.º
X.

Com GAZCIDLA não tem fumo; tem economia!
463

Desastre de Viação

Quando há dias regressava da Póvoa de Varzim a esta cidade, no seu carro, acompanhado por pessoas de família e ainda pelo sr. Alvaro J. da Silva Martins, guarda-livros da firma Teixeira de Abreu & C.ª, desta cidade, o sr. Dr. Jorge da Costa Antunes, deu-se um desastre, por virtude de o veículo ter derrapado, indo de encontro a uns postes. No momento da derrapagem uma das portas abriu-se, sendo cuspidos um filhinho do sr. Dr. Costa Antunes e o sr. Alvaro Martins, ficando este gravemente ferido, pelo que teve de ser conduzido imediatamente e por um automóvel que passava no local, a uma distancia de 3 quilometros da Póvoa, ao Hospital da Misericórdia daquela Vila.

Tanto o sr. Dr. Costa Antunes como seu filho sofreram pequenas arranhaduras.

O estado do sr. Alvaro Martins, se bem que tivesse inspirado, de princípio, sérios cuidados, é agora satisfatório, podendo considerar-se aquele nosso amigo livre de perigo.

Ao Hospital da Póvoa teem ido numerosas pessoas de Guimarães, que estão a veranear naquela Praia, informar-se do estado do enfermo, ao qual desejamos a continuação de melhoras.

ECOS das GUALTERIANAS

II

Talvez destoe deveras nesta comemoração de festas uma nota triste e dolorosa. Pode até alguém levar a mal que eu arme em *gato pingado* e tranforme isto num necrológio cerrado. Batam, mas escutem. O coração também tem os seus direitos. E eu, depois de comemorar amigos que nos deixaram, ficaria a mal comigo mesmo, se não encaixasse aqui outro nome: o do escritor e poeta Arnaldo Bezerra, que Deus também chamou a si.

E quero lembrá-lo, porque precisamente durante as festas Gualterianas, e precisamente no Campo da Feira, ele foi testemunha muda e queda de uma cena ultra-desagradável de que eu fui vítima e protagonista. Este mundo é assim; às vezes pagam-se dívidas que... não se devem...

Arnaldo Bezerra, barcelense ilustre, morreu na flor dos anos. Aos que o conheceram e admiraram em Guimarães, peço uma breve prece por sua alma.

E ajoelhemos todos para sufragar também a alma do pobre dementado que enlutou as minhas festas Gualterianas de 1951; absolvo a sua memória e a sua alma da injustíssima arguição com que tentou sujar... o que estava limpo.

E... acabou o Necrológio...

* * *

Na quinta-feira à noite foi o nosso primeiro passeio. Breve e bem breve ele foi.

Já sabíamos que aquilo no Campo da Feira é uma autêntica inferneira e pandemónio à conta do buzinar dos numerosos alto-falantes e do charivari dos festeiros que em geral, tocados do vinho, se desfazem em interjeições de admiração e em berros de alto diapasão. E acrescente-se que alguns circos e carrocéis têm à sua ordem, para os *convites à valsa*, galegos de bons pulmões ou irmãos nossos de cara feia e falar barato.

Diga-se em boa verdade que a alentada vozearia e chinfrineira têm a sua justificação numa só palavra: é *negócio*! Os pobres doentes incomodam-se com o destemperado berreiro e com o buzinar dos alto-falantes? Ora, ora, o essencial é que a dinheirama corra. O resto são... escrúpulos.

Alguns jornais já se tinham referido ao abuso, antes de eu pôr pé em Guimarães. Verifiquei que não exageravam. Para este ano já não tem remédio, mas para os anos imediatos seria bom obrigar os concessionários dos circos e carrocéis a um certo regime; esse regime consistiria em deixar algumas horas livres da inferneira durante o dia, e não a prolongar para depois da 1 hora. Assim todos lucravam, e ninguém era tão incomodado.

O Joãozito parou extático em frente do Circo que parecia ter mais concorrência. E eu parei com ele. Não tardou a assomar um galego baixo e feio, muito enfarruscado e sarapintado, que em algaravia desentoada ia vendendo o seu peixe, dando de vez em quando umas pancadas ligeiras nas cordas de uma guitarra velha. O povo não percebia o *latim* do grande actor, mas ia entrando em ritmo muito consolador: — consolador para o galego e para a direcção superior do novíssimo e interessantíssimo e ultra-progressivo teatro.

Estamos quase no dia da festa. E tenho ouvido tantos berros e tantas guitarradas e tantas festadas brejeiras, só ainda não ouvi o nosso hino: perdão, o hino da Cidade.

Quando virá ele regalar os nossos ouvidos e afervorar o nosso entusiasmo?...

O' Guimarães... nobre povo!

S. A.

Colónia Balnear dos Sindicatos

Realiza-se hoje, em Vila do Conde, uma visita à Colónia Balnear Infantil dos nossos Sindicatos Nacionais, que ali se encontra instalada, na forma dos anos anteriores e em confortável edifício.

Para a mesma visita e na forma do costume fomos amàvelmente convidados pelo nosso querido amigo sr. João M. Rodrigues Martins da Costa (Aldão), o qual acompanhará à colónia o Delegado do I. N. T. e demais autoridades assim como a imprensa.

SOFRE DOS CALOS?

Não perca tempo e dinheiro com deslocações a outras terras para os tratar!

Trate-os em Guimarães, no Largo Condessa do Juncal, 27-1.º. Telefone 40471. 17

Empregado Com alguma prática de balcão, precisa-se. Esta Redacção informa.

ECOS

Desapareceu, enfim, aquela casa da esquina da rua de Paio Galvão.

Em seu lugar, um novo prédio vai surgir, para fazer esquecer aquele que lá existia, a ameaçar ruína e a desfeiar o local.

Quantas mazelas, como essa, há por essa cidade fora a pedir o mesmo fim.

A cidade só se embelezará com a atitude elogiosa dos proprietários dessas mazelas, transformando-as em edifícios de bom gosto e também de bom rendimento.

Assim, colaboram com o desejo de todos em ver esta cidade progredir e desenvolver-se.

Mas não é com muitos casebres, de miserando aspecto, que se deparam em diversos locais, a precisarem de urgente camartelo, que se torna atraente esta cidade cada vez mais visitada.

Para quem nos visita, e verifica tais coisas, a sua primeira impressão tem de ser verdadeiramente dolorosa.

* * *

Ouvimos reparos à falta de sinalização na nova Praça de Mumadona que indique, tanto ao turista, que se vê embaraçado para seguir para o Castelo e Paço dos Duques, como para o viajante que deseja seguir a Estrada de Fafe.

O aspecto inacabado que as obras dessa Praça apresentam, com a antiga estrada ainda à vista, embora cortada; com a rua de Santa Cruz na mesma maneira, faz julgar, o que frequentemente sucede, que o acesso para o Castelo terminou e a Estrada de Fafe deixou de existir.

Muitos turistas voltam para trás e os que desejam seguir para a Penha, Fafe, Felgueiras, etc., indagam pelo caminho.

De facto, enxerga-se mal aquela estreiteza da variante!...

Umas placas de sinalização em português, francês e inglês, indicariam fàcilmente o caminho a seguir.

Nestas pequenas coisas também se faz turismo.

* * *

Pelas saídas da cidade é frequente ver, nesta altura, grupos de rapazes de todas as idades, e até homens e mulheres, encaminharem-se para os campos e invadirem os terrenos cultivados para a ratonice das uvas, espigas e frutas.

Aonde caem, são uma praga devastadora que desespera o lavrador, pelos grandes prejuízos que lhe causa.

Costumam dizer, com ar de desafio, que quando «Deus dá, dá para todos», e o desgraçado lavrador não pode afirmar o mesmo, quanto ao calçado, ao pano, às ferramentas, aos adubos e demais necessidades que só com o produto das suas colheitas pode adquirir e por bom dinheiro.

Era medida excelente e proveitosa, que a Polícia e G. N. Republicana dessem caça a essa ladroeira, acabando de vez com essa falta de respeito por aquilo que aos outros pertence, conseguido à custa de tanto trabalho e de tanto suor.

Não basta à pobre da lavoura as vicissitudes do tempo para o qual nada lhe pode valer!

No entanto, ouve-se afirmar em jeito de apelo, que só a prosperidade da agricultura pode salvar as graves dificuldades da indústria e do comércio.

Contudo, ela continua a ser a «arte de empobrecer alegremente», e a indústria e o comércio a *passar difíceis momentos.*

A.

Câmara Municipal

SESSÃO DE 13-9-56

Sob a presidência do Ex.mo Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

Considerar deserto o concurso para arrematação da obra de «Pavimentação e construção dos arruamentos que circundam a Igreja do Pevidém», em virtude da proposta apresentada pelo único concorrente que apresentou a documentação exigida e em forma legal, ser superior à base de licitação;

— Dar o seu acordo ao Plano de Actividade da Câmara para o ano de 1957, presente a esta reunião pelo Ex.mo Presidente;

— Que no próximo ano subsistissem as mesmas tarifas de remissão do imposto de prestação de trabalho que vigoram no corrente ano;

— Manter no próximo ano de 1957 as mesmas percentagens adicionais de contribuições e impostos do Estado que vigoram no corrente ano, submetendo-se, para o efeito, ao parecer do Conselho Municipal;

— Pedir providências à Companhia dos Caminhos de Ferro sobre a passagem de nível do Monte Largo, freguesia de Azurém, solicitando a colocação de cancelas ou guarda, tendo em vista o perigo eminente que representa em virtude da existência du um bairro muito populoso;

— Dar a sua concordância ao ante-projecto do estudo paisagístico do arranjo em volta do Paço Ducal (Parque do Castelo), da autoria do Eng.º-Silvicultor António Pacco Viana Barreto;

— Aprovar os levantamentos topográficos das zonas residenciais de Creixomil e Urgeses e, bem assim, da zona envolvente dos Paços dos Duques de Bragança e Campo de S. Mamede;

— Proceder por administração directa às obras de reparação do edifício escolar de Selho S. Jorge;

— Colher propostas para a execução das obras de reparação do edifício escolar de Caldelas;

— Aceitar a sugestão dos Serviços Administrativos da Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, no sentido de serem adoptadas medidas idênticas às de uma Câmara Muuicipal do País, que publicou um edital no qual se estabelece que a aquisição de propriedades rurais, com o objectivo de serem convertidas em áreas urbanas a parcelar para efeitos de construção, seja precedida de consulta ao Município; obtendo-se, por esta forma, uma mais eficiente coordenação dos interesses Municipais com os dos particulares no desenvolvimento urbanístico do território do Concelho;

— Deliberou deferir vários pedidos de licenças para obras e indeferir outros;

— Autorizar pagamentos no montante de 60.477$20.

Escrituração Comercial

Ensina pelo sistema «Dumarchey». Processo rápido e prático — Mário J. de Castro — R. Francisco Agra — Guimarães.

Teatro Jordão

APRESENTA

HOJE, ÀS 15 E ÀS 21,30 HORAS

E 2.ª-FEIRA, 17 — ÀS 21,30 HORAS

CINEMA SCOPE

Conspiração do Silêncio

com Spencer Tracy, Anne Francis e Robert Ryan

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 18 — ÀS 21,30 HORAS

ANJO DE VINGANÇA

com Alexis Smith e Scott Brady

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 20 — ÀS 21,30 HORAS

Revolta em Benguela

com Rock Hudson e Arlenne Dahl

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

SÁBADO, 22 — ÀS 21,30 HORAS

INVASORES

com Glenn Ford e Julia Adams

554 (Espectáculo para maiores de 13 anos)

Grande Excursão a Vigo

A Empresa de Transporte João Carlos Soares promove uma grande excursão a Vigo com partida de Guimarães no dia 1 de Dezembro às 7,30 horas e regresso daquela cidade espanhola no dia 2 às 17, para o que está aberta a inscrição até ao dia 31 de Outubro.

A Empresa incumbe-se de obter passaporte para aquelas pessoas que o não tenham. O preço da passagem de ida e volta é de 150$00 incluindo custo do passaporte e de 110$00 sem passaporte.

Marcam-se lugares no seu escritório 551

Rua Paio Galvão, Stand n.º 8 — Telef. 4458

Homenagem
ao Chefe dos Correios

No pretérito dia 10 reuniram-se os funcionários da Estação dos Correios de Guimarães, a fim de homenagearem o Chefe da mesma Estação, sr. Julião Carneiro da Sliva, que desempenhou com o maior aprumo aquelas funções durante 37 anos e soube granjear a estima do seu pessoal que, por isso, lhe quis tributar a sua gratidão na altura em que abandona o referido posto.

Julião Carneiro da Silva

Em nome do pessoal maior falou o chefe interino sr, Abílio Pereira Gonçalves e pelo pessoal subalterno o carteiro de 1.ª classe sr. Alberto Monteiro.

Ao homenageado foram oferecidos dois objectos de arte e a sua Esposa, sr.ª D. Júlia do Couto Figueiredo, um lindo ramo de flores.

No final e visìvelmente sensibilizado, o sr, Julião Carneiro da Silva agradeceu tão expressiva prova de estima, que jamais poderá esquecer, segundo afirmou, e terminou por pedir que o pessoal continue a manter o bom nome da Estação dos Correios de Guimarães.

Associando-nos à merecida homenagem, cumprimentamos aquele nosso querido amigo e fazemos votos pelas suas prosperidades.

*

Por iniciativa do Grémio do Comércio realizar-se-á, no próximo dia 21, sexta-feira, um jantar de justa homenagem ao sr. Júlião Carneiro da Silva que há 36 anos vem exercendo com muito aprumo, competência e honestidade, as funções de Chefe da Estação Telegrafo-Postal de Guimarães.

O sr. Julião Carneiro da Stlva acarinhou sempre, com o maior interesse, tudo quanto se relacionasse com o engrandecimento da nossa Terra, a ele se devendo, também, uma boa parte de esforço na aquisição do actual edifício dos correios, a distribuição rural e muitos dos melhoramentos introduzidos nos serviços dos C. T. T. nesta cidade.

A homenagem que o Grémio promove constitui um tributo de gratidão ao prestigioso Chefe dos Correios que ainda ùltimamente foi agraciado pelos bons serviços prestados aos C. T. T., como funcionário zeloso e modelar.

A inscrição está aberta no Grémio do Comércio, na Casa das Gravatas e na Casa Jaime, registando-se já grande número de inscrições.

Interesses de Sande

Assinada por vários paroquianos de S. Clemente de Sande, temos em nosso poder uma exposição àcerca de interesses daquela freguesia, a que oportunamente nos referiremos.

João da Mota Ribeiro

Agradecimento

A Família do saudoso João da Mota Ribeiro vem por este único meio agradecer, muito comovidamente e com profunda gratidão, a todas as pessoas que a acompanharam no seu grande desgosto, quer apresentando-lhe condolências e tomando parte no funeral do querido extinto, quer honrando-a com a assistência à missa do 30.º dia, a todas protestando o seu indelével reconhecimento.

Guimarães, 14 de Setembro de 1956.

555 A FAMÍLIA.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos:

No dia 14, mademoiselle *Maria Eduarda Dias de Castro Fernandes; no dia 16, o nosso bom amigo sr. Eduardo Manuel Madureira Jordão; no dia 17, o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas; no dia 18, os nossos prezados amigos srs. Alberto Gomes da Silva Guimarães, Manuel António de Castro, José Bernardo de Oliveira e José Augusto Cardoso Gomes da Costa, e a sr.ª D. Maria Emília Marques Rodrigues Cardoso Laranjeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis; no dia 19, o sr. Conde de Paço de Vitorino; no dia 20, as sr.as D. Maria Delfina do Espírito Santo Alves Neves, D. Maria Fernanda Machado Teixeira, D. Maria Constança Leite de Freitas Fernandes e* mademoiselle *Maria Adelaide Almeida Ribeiro, e os nossos bons amigos srs. Luís Júlio Correia da Cunha e P.e António Coelho de Barros, de Varzeacova (Fafe); no dia 21, o nosso bom amigo sr. Manuel Fernandes de Freitas; no dia 22,* mademoiselle *Maria da Conceição Alves Bastos; no dia 23, o nosso prezado amigo sr. João Saraiva de Carvalho Brandão.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

António Alberto Pimenta Machado — *Faz anos no próximo dia 18 o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. António Alberto Pimenta Machado, que conta muitas simpatias no nosso meio e a quem apresentamos os nossos cumprimentos, com desejos de muitas prosperidades.*

*

José Torcato Ribeiro Júnior — *Na próxima terça-feira, 18, faz anos este nosso prezado amigo e importante industrial, que muito tem sabido impor-se à consideração de toda a gente pelas suas raras qualidades de trabalho e de generosidade. O sr. José Torcato Ribeiro Júnior, que em diversas corporações religiosas e beneficentes tem revelado, por forma bem notável, os seus nobres sentimentos, conta nesta cidade as mais vivas simpatias e é geralmente estimado.*

Abraçando-o, do coração nos associamos às merecidas homenagens que os seus admiradores — no número dos quais nos contamos — lhe prestam na passagem do seu aniversário e fazemos votos pela continuação de suas prosperidades.

*

Completa hoje, dia 16, duas risonhas primaveras o meniuo José Miguel, filhinho querido do nosso bom amigo sr. Miguel de Oliveira Ramos e de sua esposa a sr.ª D. Maria Eugénia Amorim de Oliveira Ramos. Os nossos parabéns.

Pedido de casamento

Na Póvoa de Varzim, foi pedida em casamento pelo nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Francisco Lage Jordão, e para seu filho sr. Francisco José Ribeiro Jordão, a menina Margarida Beatriz Teixeira da Cunha, gentil filha da sr.ª D. Rosa Teixeira, hábil modista local e do sr. Francisco Augusto da Cunha e Castro. O auspicioso enlace deve realizar-se brevemente.

Aos noivos, desejamos as maiores felicidades.

Nascimento no Rio de Janeiro

A sr.ª D. Maria Isabel de Sousa Guise da Fonseca Costa, esposa do sr. René Fonseca Costa e filha do nosso querido conterrâneo e amigo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, teve há dias o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo masculino.

Parabéns.

Nascimento

Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Arnaldina de Sousa Lobo, esposa do nosso bom amigo sr. Silvério Ferreira Marques de Castro, Inspector de Finanças, actualmente em serviço nesta cidade. Mãe e filha estão bem.

Os nossos parabéns.

Partidas e chegadas

Bispo da Guarda — Tem estado a descansar nas propriedades de seu irmão, sr. José da Silva Gonçalves, em Souto, o nosso ilustre conterrâneo Rev.mo Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, Bispo da Guarda.

*

Têm estado a veranear, com suas famílias, na Póvoa de Varzim, os nossos prezados amigos srs. Dr. Jorge da Costa Antunes, José de Sousa Neves, Alberto Adelino Sampaio, António J. Gomes Cerqueira, Dr. Francisco Moreira Sampaio, Dr. Alberto M. Moreira Sampaio, Amadeu C. Penafort, João Mendes de Oliveira. Dr. Francisco Pinto Rodrigues, Umberto Dias Pereira, António da Silva e Castro, António Guilherme Saavedra. Joaquim Teixeira, Heliodoro de Freitas Guimarães, Angelo de Sousa e Silva Madureira, Alberto José Ribeiro, Martinho da Silva, José Carvalho de Melo, Luís Mendes Lopes Cardoso, Eduardo de Oliveira Machado, José Mendes da Costa Guimarães, Casimiro Fernandes, António Gomes da Costa, Manuel C. Martins, Júlio Martins da Silva, Manuel Simões Sobral, Amílcar Lopes, Francisco Alves da Silva Lobo, Manuel Joaquim da Cunha Machado, Jesualdo Mesquita Vieira de Andrade, José da Silva Maia, Arnaldo Teixeira, João Xavier de Carvalho e Alípio Ribeiro Souzela.

— Também têm estado a veranear, na mesma Praia, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. Comendador Manuel Ferreira Barbosa, de Joane; Comendador António Ferreira de Melo, Altino da Cunha Guimarães e Joaquim Correia Gonçalves, de Ronfe; António Faria Martins, Alfredo J. Lopes Correia, Alfredo da Cunha Guimarães, Amadeu Torcato Ribeiro e Manuel da Costa Baptista Ribeiro, do Pevidém; Luís Gonzaga Rodrigues Machado, de Lordelo; Manuel João de Freitas Ribeiro de Faria e Manuel de Sousa Oliveira, de Vizela; José Ribeiro de Abreu, de Ponte de Serves; e João Pereira de Magalhães, da Cuca.

— Com sua família encontra-se a veranear em Viana do Castelo o nosso prezado amigo sr. prof. Mário de Castro.

— Com sua família partiu para Faro, o nosso prezado amigo sr. António Mendes Serrano, Agente do Banco de Portugal nesta cidade.

— Regressou de Lisboa o nosso querido amigo sr. Almirante António Garcia de Sousa Ventura.

— Regressou dos Açores o nosso prezado amigo sr. Benjamim Pereira dos Santos.

— Com sua esposa regressou da Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

— Acompanhado de sua esposa e filhos partiu para Nine (Famalicão) o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. prof. J. Martins de Lima, que se encontra em convalescença dos seus incómodos.

— Com sua família encontra-se nesta cidade, vindo de Lourenço Marques, onde é sócio da importante Casa Fabião, e de visita a seus pais, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. João da Silva Antunes.

— Com sua esposa, regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. Inácio Ferreira da Costa.

— Com sua família encontra-se a veranear na Quinta do Condado, em Famalicão, o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

— Tem estado em Lisboa a sr.ª D. Emília dos Santos Amaral Teixeira, ilustre Directora do Museu Alberto Sampaio.

— Partiu para as suas propriedades de Santo Emilião, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo sr. Dr. Bonfim Martins Gomes da Silva.

— Com sua esposa a sr.ª D. Maria de Lourdes de Vasconcelos Porto de Paiva Brandão e seus filhos, encontra-se na casa de Carvalho d'Arca o sr. Dr. Diogo de Paiva de Faria Leite Brandão, ilustre Secretário da Presidência do Conselho de Ministros.

— Também ali se encontra, vindo de Lisboa, o sr. Dr. Alvaro de Paiva de Faria Leite Brandão, ilustre Secretário do Sr. Ministro do Interior.

— Com sua família regressou a Lisboa o nosso estimado conterrâneo sr. António Ferreira Júnior.

— Após uma temporada passada nesta cidade, regressou na 3.ª-feira ao Rio de Janeiro, onde é importante comerciante, acompanhado de suas esposa e irmã, o nosso nosso estimado conterrâneo e amigo sr. Afonso Antunes da Silva, a quem desejamos feliz viagem.

— Em gozo de férias encontra-se com sua família em Caniçais (Douro), o nosso prezado amigo sr. Tenente Diamantino do Nascimento Morgado, Comandante da G. N. R..

— Partiram para Caldelas, a uso de águas, os nossos prezados amigos srs. António d'Assunção Neves e Joaquim Gonçalves.

— Deu-nos o prazer de sua visita o nosso bom amigo sr. Manuel Alves Carneiro, de Campelos.

— Com sua filha *mademoiselle* Maria Adelaide, regressou de Lisboa, onde foi acompanhar sua filha sr.ª D. Maria Jaquelina M. Dias de Castro Martins, que partiu para Africa, o nosso amigo sr. dr. Mário Dias de Castro.

— Regressou com sua família da Póvoa de Varzim o nosso bom amigo sr. Manuel Afonso, da Casa de Brense.

— Partiu para a Quinta da Porta-Arroios, Vila Real, a sr.ª D. Maria do Céu Guimarães.

— Cumprimentámos nesta cidade o nosso querido amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

— Regressou da Póvoa de Varzim com sua família a sr.ª D. Augusta Maciel de Sousa.

— Acompanhado de sua família partiu para as Termas de Caldelas o nosso bom amigo sr. Domingos Pereira de Sousa Vinagreiro.

— De Valença e acompanhado de sua família, partiu para o Porto, tendo fixado residência na Foz do Douro, o nosso bom amigo sr. dr. António Mota Rebelo da Cruz.

— Regressaram da Póvoa de Varzim, com suas famílias, os nossos prezados amigos srs. dr. Artur Ribeiro de Faria e José Maria Félix Pereira, seguindo este para as suas propriedades da Fonte Santa.

— Está nas suas propriedades de S. Lourenço de Sande, o nosso prezado amigo sr. Belmiro Mendes de Oliveira.

— Está com a família nas suas propriedades de Briteiros, o nosso prezado amigo e ilustre Presidente da Câmara Municipal, sr. dr. José Maria de Castro Ferreira.

— Deu-nos o prazer de sua visita o nosso querido amigo e ilustre colaborador sr. Coronel António de Quadros Flores.

— Encontra-se em Caldelas o nosso prezado amigo sr. Albino Rebelo.

Falec. e Sufrágios

José Ferreira de Castro

Em Lisboa, onde residia há muitos anos, e contando 75 anos, faleceu no sábado passado o nosso conterrâneo. sr. José Ferreira de Castro, casado com a sr.ª D. Emília Garcia Castro.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à R. da Rainha, Telef. 40424.

Estabelecimentos e Escritórios em prédio em construção, no centro, alugam-se. Redacção informa. 542

Cadela Coelheira Preta e branca, travessa galga. Entrega-se, pagando as despesas e anúncio — Luís Fernandes — Lugar da Veiga — Fermentões. 555

Anuncial no Notícias de Guimarães

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

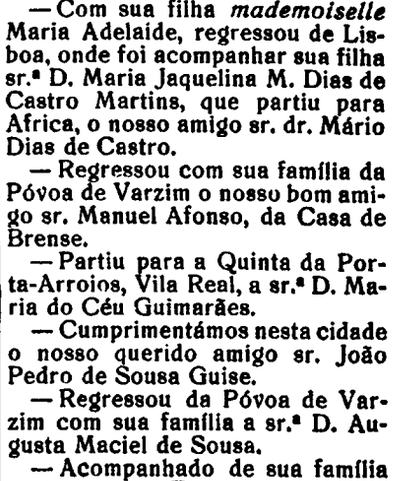
PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich

88

ELECTROLUX

¡o melhor Frigorífico que pode adquirir!



- a petróleo
- 10 anos de garantia
- grandes facilidades de pagamento

ELECTROLUX, LD.ª

PORTO

Praça da Liberdade, 123

Telef. 25436 550

DESPORTO

A Maratona do Futebol Nacional

Peniche, 0 — Vitória, 2

Os vimaranenses foram os únicos, na totalidade da jornada, que triunfaram fora de casa

A ideia aqui expressa, no último número, de que o Vitória estava a sofrer a influência da remodelação do seu sistema de jogo, parece-nos que tem o seu lógico fundamento. Segundo nos dizem, a maneira, como actuou no jogo de Peniche, argumenta a nosso favor. Não foi ainda, é certo, uma exibição agradável, de *encher os olhos* a quem a viu. Mas pode-se afirmar que a melhoria foi evidente, consequência lógica de aproveitamento do ensino que lhe vem sendo ministrado. Daqui para o futuro, havemos de ver, se sim ou não, o nosso conceito está acertado.

O jogo de Peniche não era um encontro fácil. Deslocação longa e um adversário aguerrido, difícil de bater no seu campo. Mesmo assim os vimaranenses, bem compenetrados, atacaram logo de entrada, aproveitando a escolha de campo com vento favorável e fizeram o resultado no primeiro tempo. Na segunda parte o seu cuidado foi defender a vantagem obtida e assim, jogando mais sobre a defesa, demonstraram a real capacidade desta.

*

Podemos dizer, pelas informações idóneas colhidas, que, na generalidade, todos os elementos da equipa vimaranense jogaram compenetrados da sua função no conjunto. Entretanto devemos hoje, aqui, salientar a exibição de Bártolo, nm jogador que precisava de ter o seu encontro, para adquirir confiança em si próprio. Se todos actuaram a contento, a exibição do pequeno extremo-direito foi deveras agradável e diz-nos que, daqui para o futuro, vamos contar com um elemento capaz de bem preencher o lugar da ponta direita.

*

Ficha do jogo; *Vitória* — Silva, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Bibelino; Bártolo. Artur, Rola, Berdejo e Benge. *Peniche* — Alexandre, António Maria e Janeiro; Aníbal, Rodrigues e Carola; Silvino, Bruno, João, Jofre e Duarte. Arbitrou A. Macedo Pires, de Lisboa.

Os golos, ambos marcados na primeira parte, foram da autoria, respectivamente, de Artur e Rola.

*

Resultados gerais da jornada: — Peniche, 0-Vitória, 2; Boavista, 4-Espinho, 2; Salgueiros, 3-Chaves, 1; Tirsense, 4-Leixões, 2; Marinhense, 3-Sanjoanense, 0; Gil Vicente, 5-Vianense, 1 e Braga, 3-U. Coimbra, 1.

* * *

Hoje joga-se a terceira jornada com os encontros seguintes: — U. Coimbra-Vitória; Braga-Marinhense! Sanjoanense-Boavista; Espinho-Salgueiros; Chaves-Tirsense; Leixões-Gil Vicente e Vianense; - Peniche.

Faz assim o Vitória a sua segunda deslocação consecutiva. O jogo de Coimbra tem características análogas ao anteriormente disputado em Peniche. E' um encontro para ser jogado com todos os cuidados e, por isso, esperamos compenetração igual à demonstrada na jornada anterior pela equipa do Vitória e ainda a ajuda de alguns adeptos que certamente se deslocarão para apoiarem o clube vimaranense.

L. R.

Hoquei em Patins

Como noticiámos, o Infante de Sagres jogou, na Amorosa, na sexta-feira da outra semana. Prometemos fazer ao encontro uma referência equivalente ao interesse que o mesmo despertou. De facto a exibição dos campeões do Norte atingiu um nível, como é raro ver-se no Rink de Guimarães. Foi certamente uma boa lição para os hoquistas locais, demonstrativa de como se deve jogar em conjunto, sem egoismos de evidência individual. O resultado de 9-1 pode ter-se como um pouco exagerado, pois certos jogadores vimaranenses *estontearam-se* demasiadamente com o nome do adversário, mas devemos ter como certo que o mesmo espelha, em parte, a superioridade da equipa visitante. Talvez, mais que quaisquer outros, foram os guarda-redes os mais influenciados pela razão atrás exposta e daí o volume dos números finais, mas, por outro lado, a produtividade do ataque vimaranense esteve quase nula, de modo que o único tento obtido pelos locais resultou duma grande penalidade.

A equipa vimaranense, que devia ter aproveitado muito com a série de jogos que realizou depois de terminado o campeonato regional, vai agora dedicar-se a uma preparação cuidada, de modo a estar apta a disputar a poule de apuramento para o campeonato nacional. Esta inicia-se já esta semana, estando o Vitória e o Famalicense isentos da primeira eliminatória, pela classificação obtida no torneio regional. Hoje a equipa das Taipas, que incompreensìvelmente parou de jogar desde o fim do campeonato minhoto, defronta, naquela vila, o F. C. Porto, esperando nós que bem represente o hoquei regional.

FIBRA ARTIFICIAL

PHRIX

9

Agentes-Depositários

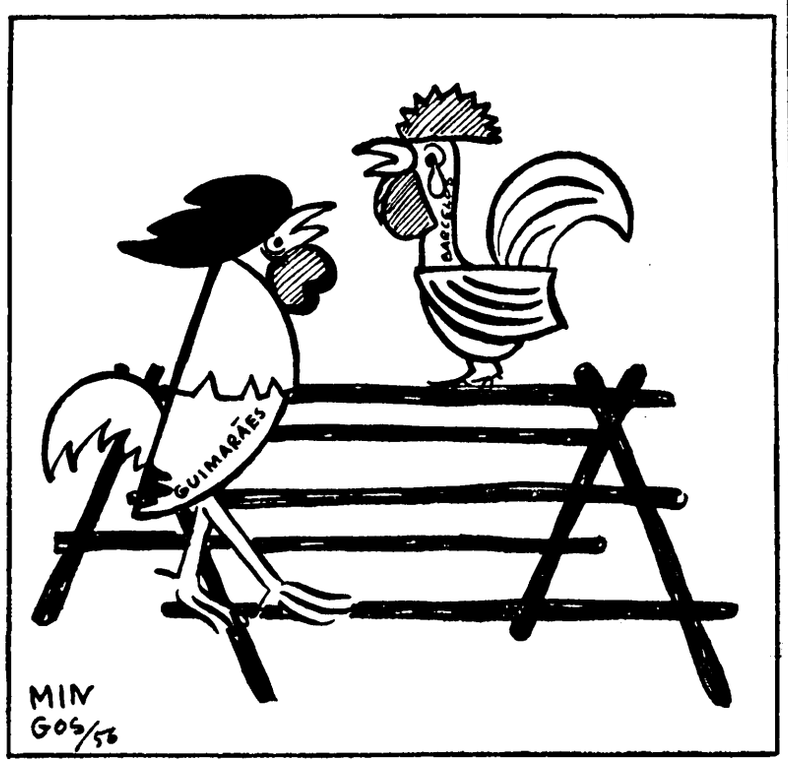
WANDSCHNEIDER & C.ª, L.da

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404 PORTO

Com GRZCIDLA não tem fumo; tem economia!

483



Galo de Barcelos: — Como vês, até no teu **poleiro**... canto tão alto como **tu**...

(A «piada» vai atrasada, mas como é a dizer BEM, vai sempre a tempo).

ROLA — um atleta

Exemplo de amor pelo futebol e de dedicação pela camisola que enverga, cheio de pundonor e de brio, Rola, do Vitória de Guimarães, continua em evidência. Ainda no passado domingo, chamado por necessidades da equipa a alinhar num lugar que não lhe é habitual, no comando do ataque, Rola, infatigàvelmente, fez todos os possíveis para conduzir a sua equipa ao triunfo. Voltou a ser o mesmo jogador das outras épocas, respeitado pelos defesas e pelos guardiões.

No jogo com o Gil Vicente, uma jogada houve que, a ser concretizada, levantaria a assistência na Amorosa. Simplesmente a sorte fez negaças a Rola. A bola, subtilmente desviada do guardião contrário, saiu junto ao poste...

A doença, que o atacou a meio da época passada, parece que já não o perturba. A forma em que se apresentou no domingo indica que o mal foi debelado. Assim, é natural que no decorrer do actual campeonato, Rola surja de novo no primeiro plano. Em Peniche, mais um famoso golo!

E assim Rola continuará a ser um bom exemplo para os novos. Continuará a demonstrar-lhes que o infortúnio (três operações ao menisco e outras lesões de gravidade) também poderá ser derrotado, quando os atletas se apresentam de rija tempera, sorrindo, altaneiramente, às maiores contrariedades.

Do *Mundo Desportivo* de quarta-feira passada.

De Covas

EXPEDIENTE

Com o pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Bairro Económico, Urgezes, 10 de Setembro de 1956.

... Sr.

Com a devida vénia vimos solicitar a V. ... o obséquio de dar publicidade ao seguinte:

Consta-nos que, Albano Fernandes Graça, Fiscal do Bairro Económico de Urgezes — a seu pedido — vai ser transferido para um bairro da cidade do Porto. Ora, como se trata dum funcionário que sempre tem cumprido com os seus deveres e trabalhado para o alindamento deste bairro, pois a ele se deve o globo de braço à entrada do lado Norte, esforçou-se também para que se arranjasse o jardim no mesmo, etc..

Este funcionário encontra-se aqui há pouco tempo e vemos que além de ser cumpridor dos seus deveres também se interessa pelos problemas do Bairro. Portanto, não deve ser consentido que dê o passo que pretende e esperamos que a Direcção Geral da Secção das Casas Económicas resolva o assunto para contentamento de todos os moradores.

De V. ..., etc.

J. P., M. T., F. A. R. N., etc.

António da Silva, Guimarães — Desejamos-lhe muitas venturas. No passado dia 8 à noite, efectuou-se um jantar de despedida a este nosso prezado amigo (que dentro em breve deixará de pertencer ao «Clube» dos solteiros), a que assistiram mais de duas dezenas de amigos, dos mais íntimos, e que decorreu num ambiente de franca camaradagem, tendo sido muito felicitado e enaltecidas, na altura própria e por quase todos os concorrentes, as suas qualidades.

Uma carta do Sr. Comandante João de Paiva

E'-nos grato anunciar que foi com grande satisfação que os Covenses leram no «Notícias de Guimarães» a carta do Sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão acerca do Regimento de Cavalaria n.º 6 para Guimarães e dos problemas da freguesia de Polvoreira. Informamos, a propósito, que já há muito que é do nosso conhecimento que o Sr. Comandante se tem esforçado e contribuído — mais do que qualquer Covense — para que os problemas mais importantes desta progressiva freguesia, (também por nós focados inúmeras vezes), se tornem realidade. Portanto, é digno do maior louvor o Sr. Comandante João de Paiva, pelo interesse que os problemas locais lhe têm merecido e para os quais chamamos a esclarecida atenção do Sr. Presidente da Câmara.

Ratoeira na E. N.

Próximo da perigosa passagem de nível do Castanheiro encontra-se, já há dias, um grande buraco na berma da E. N., tornando-se um perigo para o trânsito. Para o caso, chamamos a atenção da J. A. das E..

De quem é o tampão?

Foi encontrado nesta localidade um tampão de automóvel, que se entrega a quem provar pertencer-lhe. Informa o correspondente do «Notícias de Guimarães» em Covas.

Notícias pessoais

Ainda está entre nós o Sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão.

— Com sua filhinha, a passar uma temporada, está nesta localidade a sr.ª D. Maria Antónia Oliveira da Silva, do Porto.

— Também têm estado com suas famílias na Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. António de Araújo e Manuel de Abreu.

— Estiveram entre nós os nossos prezados amigos srs. Joaquim Teixeira da Silva, do Porto, e Emílio da Silva Brás, de Campanhã. — *C.*

Com GRZCIDLA não tem fumo; tem economia!

63

A Voz dos Leitores

...Sr. Director do «Notícias de Guimarães»:

Pessoa Amiga fez-me chegar às mãos o Jornal *O Conquistador*, de Guimarães, no qual, sobre o título *Coisas boas e coisas más* vem um arrazoado do ex-Chefe da estação do Caminho de Ferro, de Covas, a falar de «*peras*» e «*marmelos*», e, para atingir o correspondente desse conceituado Jornal, em Covas, diz entre outras coisas o seguinte:

«Há apenas uma coisa em que estou de acordo consigo. E' em fazer eco das lamúrias que o Sr. transcreve, das restrições impostas à venda de *gaitas e tambores* na Romaria de S. Tiago, realizada em Caldelas nos dias 24 e 25 de Julho p. p.».

E, continuando, diz ainda: «Até onde chega a sua influência! E' que ali teria o Amigo um explêndido emprego, e, como já é um bocadinho longe, deixaria em paz os de Covas».

Não sei bem onde aquele Sr. quer chegar com o seu arrazoado, mas, a bem da verdade, que muito prezo, devo declarar que aquela notícia sobre a proibição de se poderem vender *tambores e gaitas* na referida romaria foi da minha autoria, e já agora, devo declarar que essa proibição foi feita pelo Abade da freguesia de Caldelas, proibição essa que causou justos reparos e protestos, nada tendo com ela o referido correspondente desse Jornal, em Covas.

A carta enviada a esse Jornal foi por mim escrita e assinada, e, como costumo tomar sempre a responsabilidade pelo que digo ou escrevo, a assinei.

Certo de que para repôr a verdade, que tão afastada anda de certas criaturas quando desejam atingir certos fins, dará a esta carta a devida publicidade, muito grato lhe fico, e com os protestos da mais subida consideração me subscrevo

De V. ...
Mt.º At.º, Ven.or e Obg.º

(a) *Manuel Monteiro Valente*
— R. Barão do Corvo, 978 — Gaia
(Bilhete de Identidade n.º 876686 do Arquivo de Identificação — Secção do Porto).

Ofertas e Procuras

AGENTE

Pessoa de absoluta confiança e bem relacionada em Lourenço Marques, pretende representações de: calçado para homem e Senhora, tecidos para europeus e indígenas, cutelarias, artigos plásticos, brinquedos, etc.. Informa nesta cidade: ARMAZÉNS CARMELO. 548

Vasilhame Compram-se 15 a 20 cascos para vinho, em madeira de castanho e em bom uso. 512

Na Liquidatária Empresta-se dinheiro ao juro legal, quer por letras, devidamente garantidas, ou por hipoteca. Rua de Camões n.º 120 R/c. 526

Hóspedes Aceitam-se numa casa particular. Falar na rua de D. João I, 107 (irmãs Novais). 529

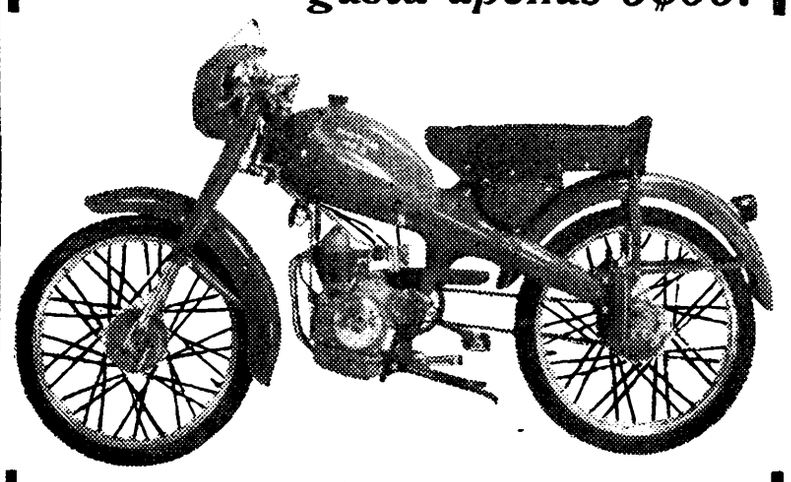
Caneleira De 5 fusos, em bom estado. Vende: Lobo & Irmão — Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 538

Vende-se Prédio grande, com quintal, na cidade, numa rua de movimento, rendimento anual 17 400$00. Informa esta redacção. 509

VENDE-SE

1 Moinho para cereais com alvará; 4 urdideiras manuais; 1 urdideira mecânica; 1 carro de cavalos «Fait» estado completamente novo, com rodas de borracha; 1 carro de cavalos «Vitória» em bom estado. Para ver e tratar: António Pimenta, Telef. 40229 — Lugar do Rio — Guimarães. 552

Por cada 100 Km. percorridos gasta apenas 6$00.



Não a conhece? É uma **MOTOM.**

Deseja adquiri-la? É simples.

Dirija-se às **Representações Auto-Moto**

«SOAGUE»

Av. do Conde de Margaride — GUIMARÃES

Telefones 4539 e 4458 539

NENHUMA DÚVIDA NA ESCOLHA

quando a segurança da instalação eléctrica de V. Ex.ª está em jôgo...

Só **J. MONTENEGRO** lhe proporcionará as melhores montagens, com electricistas devidamento habilitados.

— TUDO PARA ELECTRICIDADE —

Largo 28 de Maio, 78-1.º — Telef. 4510 — Guimarães

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental»
— e «poupará tempo, arrelias e dinheiro»!
A «Intercontinental» reune secções especializadas de:
Passagens de avião, navio e combóio,
em qualquer companhia e para qualquer destino;
Passaportes individuais e colectivos;
Vistos consulares;
Organização de excursões dentro e fora do país;
Seguros e fotocópias
Moedas e notas de qualquer país
Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO
(Ao cimo da Av.ª dos Aliados) 528

Para boas pinturas são precisas

Boas tintas
Bom óleo de linhaça
Boa água raz
Bons esmaltes
Boas Trinchas

PREFIRA A CASA

JOSÉ MÁRIO MATOS

Telf. 40340 — RUA DA RAÍNHA, 141 544

Máquinas de escrever "JAPY"

A máquina de escrever portátil mais barata que existe no mercado; máquinas de construção resistente e mecânica perfeita, orgulho da fábrica «JAPY», uma das fábricas mais importantes da FRANÇA e hoje da EUROPA.

Venda com facilidades de pagamento no único Agente neste Concelho:

Francisco Ribeiro de Castro

CASA DAS NOVIDADES

RUA DA RAINHA GUIMARÃES

Assinai o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES